

Revista Appai

EDUCAR^{DIGITAL}

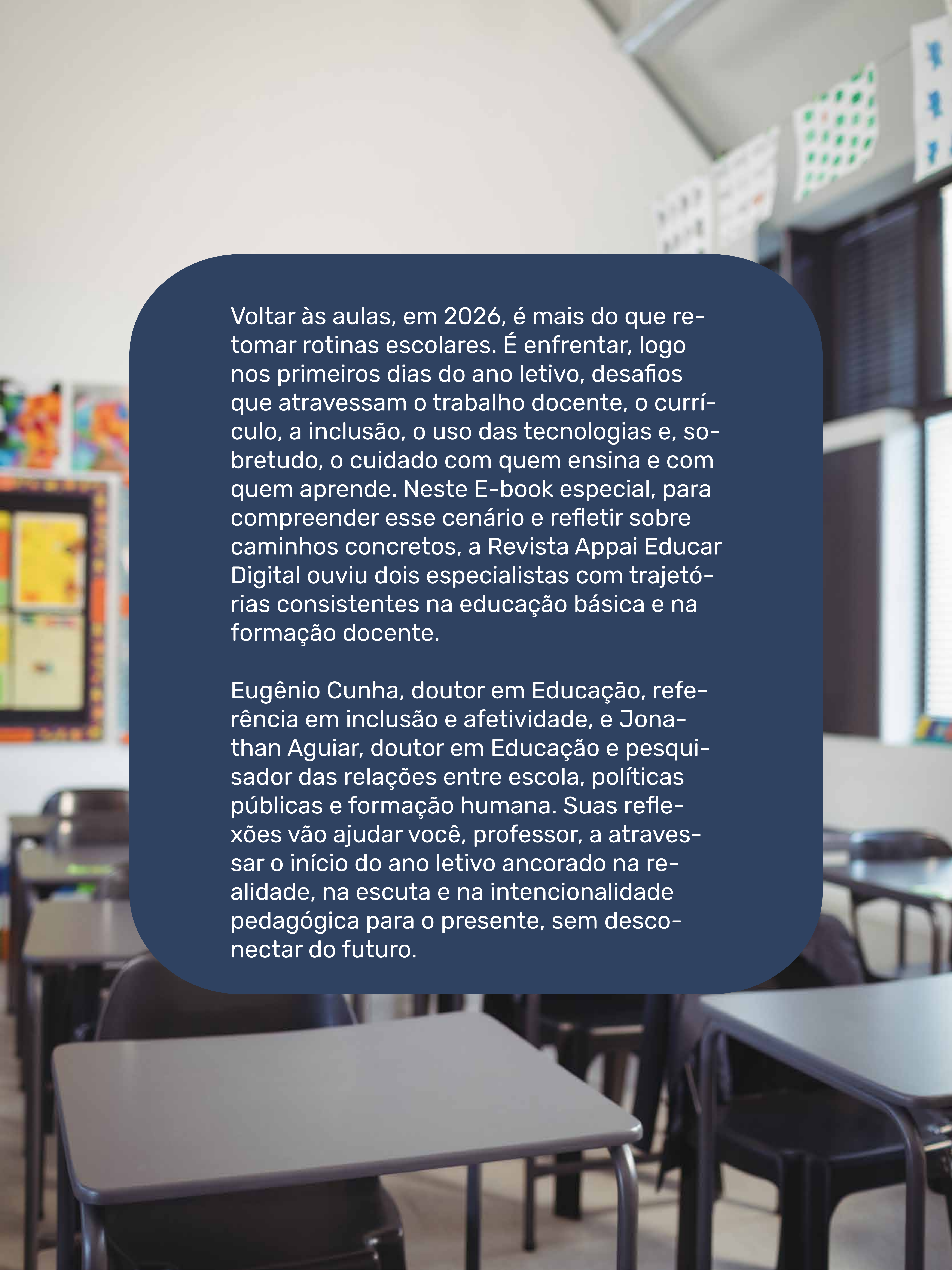
Informação ao Profissional de Educação

E-BOOK EXCLUSIVO

Se a escola é a orquestra, o professor é a pulsação da música



Entre permanências e transformações, **a volta às aulas de 2026** revela por que o trabalho docente segue como eixo da educação.



Voltar às aulas, em 2026, é mais do que retomar rotinas escolares. É enfrentar, logo nos primeiros dias do ano letivo, desafios que atravessam o trabalho docente, o currículo, a inclusão, o uso das tecnologias e, sobretudo, o cuidado com quem ensina e com quem aprende. Neste E-book especial, para compreender esse cenário e refletir sobre caminhos concretos, a Revista Appai Educar Digital ouviu dois especialistas com trajetórias consistentes na educação básica e na formação docente.

Eugênio Cunha, doutor em Educação, referência em inclusão e afetividade, e Jonathan Aguiar, doutor em Educação e pesquisador das relações entre escola, políticas públicas e formação humana. Suas reflexões vão ajudar você, professor, a atravessar o início do ano letivo ancorado na realidade, na escuta e na intencionalidade pedagógica para o presente, sem desconectar do futuro.

Capítulo 1

Voltar às aulas em tempos desafiadores: múltiplos olhares sobre a escola brasileira





“Retornar às aulas, no cenário atual, é reencontrar uma escola atravessada por desafios complexos e urgentes.” Jonathan Aguiar

Voltar às aulas em 2026 é, antes de tudo, reencontrar uma escola marcada por tensões que já não podem ser tratadas como exceção. Para o educador e pesquisador Jonathan Aguiar, o início do ano letivo evidencia problemas estruturais que impactam diretamente o cotidiano escolar. “Entre eles, destaca-se a ausência de políticas públicas mais efetivas para o controle do uso de telas, celulares e jogos eletrônicos”, afirma. Segundo Jonathan, medidas isoladas não dão conta do problema. “Embora existam ações governamentais que proíbem o uso do celular, essa medida, sozinha, não tem sido suficiente. Muitas famílias ainda enfrentam dificuldades para estabelecer um planejamento claro sobre o uso desses equipamentos”.

O impacto aparece no processo de aprendizagem

“O uso desregulado das tecnologias digitais tem contribuído para a diminuição do estímulo à imaginação, ao processo criativo e ao desenvolvimento do pensamento crítico”, pontua. Para ele, o desafio não é negar a tecnologia, mas buscar equilíbrio e responsabilidade.

Na mesma direção, o educador Eugênio Cunha amplia o diagnóstico ao destacar a diversidade crescente presente na escola. Para ele, esse cenário exige transformar o currículo em um espaço de acessibilidade e equidade. “Isso demanda formação de professores e políticas públicas que se efetivem mais visivelmente no chão da escola”, afirma.

***“A volta às aulas representa a urgência de gerir a complexidade de situações e a diversidade de sujeitos.”
Eugênio Cunha***

Jonathan também chama atenção para a inclusão. “Mais do que garantir o acesso, é preciso pensar em como acolher, respeitar e desenvolver práticas pedagógicas verdadeiramente inclusivas”, diz, lembrando que a falta de recursos humanos e estruturais ainda compromete esse processo.

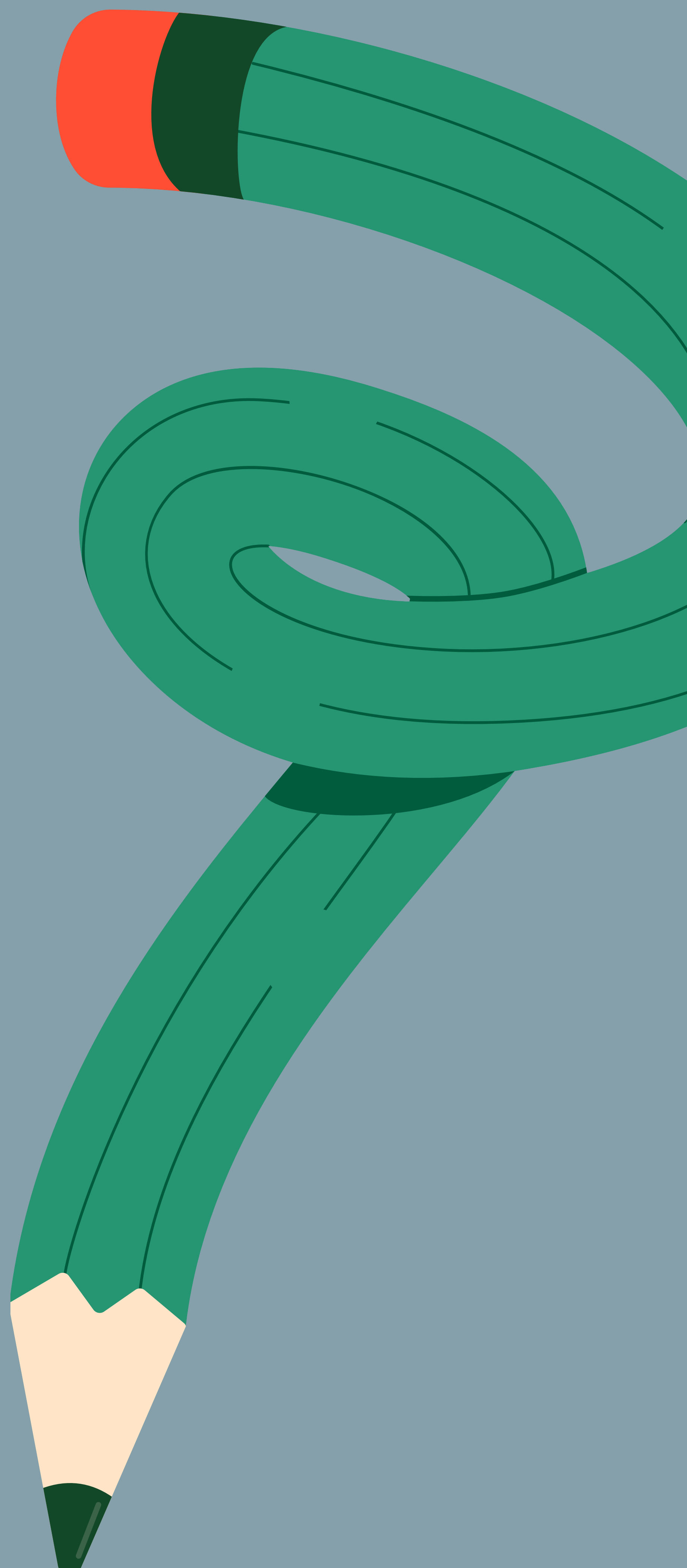
Para o pesquisador, falar em educação de qualidade sem abordar a valorização docente é inviável. “Condições dignas de trabalho, salários justos e reconhecimento social são pilares indispensáveis para que a escola cumpra seu papel transformador”.

O bem-estar do professor merece atenção logo no início do ano letivo

Os indicativos de que o bem-estar do professor merece atenção costumam aparecer logo no início do ano letivo. Cansaço físico e mental, dificuldade de manter a criatividade e esgotamento emocional são indícios de alerta. Para Jonathan, observar esses sinais precocemente é fundamental para evitar o adoecimento e preservar a qualidade do trabalho pedagógico.

Ao projetar o futuro da docência, Eugênio destaca competências que se tornam cada vez mais essenciais. “Afetividade, flexibilidade cognitiva, inteligência emocional e capacidade de mediação pautada no conhecimento científico e no respeito à singularidade de cada aprendente” são, segundo ele, atitudes indispensáveis para os próximos anos.

Para concluir, Eugênio recorre a uma metáfora que sintetiza o sentido da profissão docente. Ele compara a escola a uma orquestra e o docente à pulsação da música. “O professor não ocupa isoladamente o centro da educação. Talvez ele esteja no ritmo, no tempo que permite que cada músico expresse sua individualidade com segurança”, reflete. Nesse arranjo coletivo, o educador sustenta o compasso que mantém viva a aprendizagem e, com ela, a própria esperança na educação.





Capítulo 2

Começar o ano letivo: clareza, equilíbrio e confiança



Ao falar sobre o início do ano escolar, Jonathan Aguiar defende que o primeiro movimento do professor deve ser interno. “Tenho apostado no autoconhecimento emocional como caminho fundamental para a docência”, afirma. Reconhecer desafios pessoais e compreender-se como autor da própria trajetória profissional, segundo ele, fortalece o exercício docente.

O pesquisador destaca a importância do professor na articulação de políticas. “Assumir o protagonismo docente, em diálogo com o planejamento educacional e com as ações das secretarias de educação, amplia horizontes e fortalece o fazer pedagógico”.

Nesse processo, o tempo destinado ao planejamento é decisivo. “A garantia do 1/3 de tempo para essa tarefa é essencial”, afirma. Para Jonathan, o movimento de reflexão-ação-reflexão potencializa a prática e contribui para transformações reais no cotidiano escolar.

Ele também aponta que melhores condições de trabalho impactam diretamente os resultados. “Um professor que dialoga com seus pares, que tem tempo para planejar, recebe salário digno e conta com plano de carreira estruturado encontra mais condições para alcançar resultados consistentes”. Ainda assim, faz um alerta: “O maior resultado não está apenas nos indicadores, mas na humanidade que constitui o ser professor”.

Capítulo 3

A escola em 2026: desafios que permanecem



Desafios da sala de aula

Na sala de aula, os desafios vão além do ensino de conteúdos. Jonathan observa que o professor precisa lidar com o uso excessivo das tecnologias, com a complexidade da inclusão e com condições de trabalho muitas vezes adversas. “Carga horária intensa, pouco tempo para planejamento e salários insuficientes interferem diretamente na qualidade do trabalho docente”, afirma. Ainda assim, há uma expectativa constante de equilíbrio emocional e protagonismo. “Talvez o maior desafio seja preservar a própria humanidade no exercício da docência”, destaca.

O perfil dos estudantes

Segundo Jonathan, os estudantes mudaram, e a escola precisa reconhecer isso. “Eles estão profundamente imersos no universo digital desde muito cedo, o que influencia a forma de aprender, de se comunicar e de se relacionar com o conhecimento”. Além disso, ele chama atenção para a diversidade crescente. “Os estudantes chegam à escola com histórias, realidades sociais, culturais e emocionais muito distintas, além de um número maior de alunos da educação inclusiva”. Para ele, isso exige práticas mais flexíveis e acolhedoras.

O que pouco mudou

Apesar das transformações, alguns aspectos permanecem praticamente inalterados. Jonathan lembra que a escola ainda carrega uma organização disciplinar rígida e desigualdades históricas. “O acesso, a permanência e a qualidade da educação sempre estiveram atravessados por questões econômicas, raciais e territoriais”, afirma. A desvalorização docente também persiste. “O professor ainda é visto, muitas vezes, como executor de políticas, e não como intelectual da educação”, critica.



Capítulo 4

Práticas possíveis: o que funciona no cotidiano



Para Jonathan Aguiar, práticas pedagógicas eficazes são aquelas que partem da realidade concreta da escola. “Não se trata de buscar modelos ideais, mas de desenvolver ações sensíveis, reflexivas e contextualizadas”, afirma.

Ele destaca o acolhimento como ponto de partida. “Considerar os aspectos emocionais, sociais e culturais dos estudantes é fundamental para a construção de vínculos”. Jogos, brincadeiras e organização do espaço aparecem como estratégias potentes desde o início do ano letivo.

“O brincar não é apenas um recurso, é um mediador do desenvolvimento cognitivo, social e emocional”, afirma, a partir de sua experiência no AEE – Atendimento Educacional Especializado. Para ele, pequenas adaptações beneficiam toda a turma. Mesmo quando a estrutura não favorece, Jonathan defende ações estratégicas. “Transformar limites em possibilidades não significa romantizar a precariedade”, ressalta. Planejamento flexível, trabalho colaborativo e registro das dificuldades fazem parte desse processo.

Capítulo 5

0 professor no centro: equilíbrio, autoria e permanência

Colocar o professor no centro do debate educacional implica reconhecer que não há qualidade de ensino sem cuidado com quem ensina. Para Jonathan Aguiar, a saúde emocional do docente não pode ser tratada como tema secundário. “Cuidar de si não é luxo, é necessidade”, afirma. Segundo ele, a docência exige uma gestão constante de emoções, relações humanas e desafios estruturais, o que torna fundamental reconhecer limites e preservar o sentido do trabalho.

Jonathan defende que práticas ligadas à ludicidade, à arte e à criatividade não beneficiam apenas os estudantes, mas também o próprio professor. “Experiências de brincar e criar em sala de aula renovam a energia emocional do docente”, observa. Para ele, organizar limites entre vida pessoal e profissional e fortalecer redes de apoio entre colegas são estratégias essenciais para sustentar a permanência na profissão.

“No campo da educação, fala-se muito das emoções dos estudantes, mas pouco se fala dos sentimentos do professor”.
Eugênio Cunha

Na mesma linha, o educador Eugênio Cunha chama atenção para um aspecto ainda pouco discutido: os sentimentos do professor. “No campo da educação, fala-se muito das emoções dos estudantes, mas pouco se faz referência dos sentimentos do professor”, afirma. Para ele, os sistemas de ensino precisam assumir a responsabilidade com aqueles que oferecem cuidado aos estudantes. “Acredito que os sistemas devem cuidar de seus professores, assim como estes cuidam de seus aprendentes”.



Trabalho colaborativo aliado à formação permanente

Fortalecer a autoria docente também aparece como ponto central. Jonathan ressalta que reconhecer o professor como protagonista vai além da autonomia formal. “É ter voz, tomar decisões conscientes, refletir sobre a prática e criar soluções diante dos desafios do ensino”, explica. Esse protagonismo, segundo ele, se constrói no cotidiano, quando o professor participa das decisões pedagógicas e institucionais da escola.

Eugênio acrescenta que o que sustenta o professor em contextos desafiadores é o trabalho colaborativo aliado à formação permanente. “O sentimento de confiança gerado pela formação contínua e pelo trabalho coletivo ajuda o professor a lidar com situações diversas sem perder a empatia”, afirma.



Capítulo 6

Tecnologia, IA e currículo: quando a inovação precisa de critério pedagógico

A incorporação das tecnologias digitais e da inteligência artificial no cotidiano escolar tem provocado debates intensos. Para Eugênio Cunha, o ponto central não está em adotar ou rejeitar ferramentas, mas em compreender sua função pedagógica.

“Elas se tornam pressão quando são impostas sem finalidade clara ou sem suporte ao professor”, afirma. Na prática, segundo ele, convivem duas realidades: “A tecnologia pode ser um apoio pedagógico transformador ou uma nova fonte de pressão, dependendo de como é implementada”. Para que se tornem aliadas, Eugênio defende a funcionalidade pedagógica. “Elas devem otimizar processos de acessibilidade e apoiar a aprendizagem”, diz, citando recursos como comunicação aumentativa alternativa e suportes voltados à neuroaprendizagem.

No currículo, a inovação precisa dialogar com a vida dos estudantes. “Vale a pena incorporar tecnologia, metodologias ativas e um currículo relacionado à cotidianidade discente”, afirma. Para ele, tudo isso deve ser vivo, articulado às dinâmicas sociais, culturais e cognitivas dos alunos.

“A tecnologia e a IA devem ser vistas sempre como apoio pedagógico.” Eugênio Cunha

O que fica

Tecnologia com intencionalidade pedagógica, metodologias ativas, DUA – Desenho Universal para a Aprendizagem, PEI – Plano de Ensino Individualizado, escuta ativa e personalização do ensino.

O que pode ser descartado

Práticas repetitivas, mecânicas e desconectadas da realidade e da neurodiversidade dos estudantes.

A inteligência artificial, segundo Eugênio, pode contribuir quando usada com critério. “Ela pode apoiar a curadoria de materiais e a organização de sequências didáticas personalizadas”, explica. No campo da neurodiversidade, a IA pode ampliar a equidade ao diversificar estratégias de ensino. Para ele, inovar não é acumular ferramentas. “A tecnologia só faz sentido quando fortalece a aprendizagem, respeita as diferenças e apoia o trabalho do professor”.

A escola possível se constrói todos os dias

Entre desafios antigos e novas exigências, a escola brasileira inicia 2026 convocada a fazer escolhas. Os caminhos apontados por Jonathan Aguiar e Eugênio Cunha convergem em um ponto central: práticas reais, sustentadas por escuta, intencionalidade pedagógica e valorização docente. Em tempos desafiadores, a educação segue pedindo menos improvisado e mais compromisso, com o presente da escola e com o futuro que se constrói todos os dias em sala de aula.

Por Antônia Figueiredo

Fontes:

Eugênio Cunha é Doutor em Educação, psicopedagogo, professor do ensino superior e da educação básica, pedagogo da Fundação Municipal de Educação de Niterói, especialista em educação especial inclusiva e autismo, além de autor de várias obras.

Jonathan Aguiar é Doutor em Educação, Mestre em Educação, psicopedagogo e pedagogo, com várias obras publicadas.

Fotos: banco de imagens GettyImages.

Conselho Editorial

Julio Cesar da Costa

Ednaldo Carvalho

Jornalismo e Edição

Antônia Lucia Figueiredo

Registro: (M.T. RJ 22685JP)

Design e Direção de Arte

Yasmin Gundim

Revisão de Texto

Sandro Gomes

Colaboração de Textos e Pesquisas

Jéssica Almeida

Produção

Equipe de Comunicação Appai

Publicação

Revista Appai Educar Digital – Ano 2026

Edição nº 184

Envio de projetos

Professores, enviem seus projetos através do formulário on-line disponível na página da revista em nosso site appai.org.br

Endereço: Rua Senador Dantas, 117/229 – 2º andar
Centro – Rio de Janeiro/RJ. CEP: 20031-911